

MÉTODO SOCIOLINGUÍSTICO: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

*Roseane de Faria Roberto*¹
*Juciene Nascimento*²

RESUMO

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental é realizado de forma arcaica, se considerada a assertividade que o método utilizado pelos professores continua reproduzindo as formas discriminatórias contidas em muitos livros didáticos. Destarte, este trabalho teve por intuito (re) avaliar a prática docente para tornar viável o uso do método sociolinguístico no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Para tanto, uma pesquisa-ação foi realizada em uma Escola Municipal, viabilizada por um estudo misto, o que proporcionou riqueza de dados, analisados criteriosamente, além de uma oficina em que se constatou a importância do método sociolinguístico.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Diversidade. Transformação. Educação.

ABSTRACT

The process of teaching and learning of English in elementary school is conducted in an archaic form, if considered the assertion that the method used by teachers continues playing the discriminatory forms contained in many textbooks. Thus, this work was meant to (re) evaluate the teaching practice to make viable the use of sociolinguistic method in teaching and learning of English. To this end, an action research was conducted at the Municipal School, made possible by a joint study, which provided a wealth of data, critically reviewed, and a workshop where it was confirmed the importance of sociolinguistic method.

KEYWORDS: Language. Diversity. Transformation. Education.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, quando ainda nem se cogitava no uso de tecnologias tão marcadamente presentes em nossa sociedade, a língua já era utilizada como ferramenta comunicativa entre os povos do mundo. Tal comunicação sempre teve suas peculiaridades devido ao contexto em uso. Por cada falante trazer consigo um conceito de mundo totalmente diferenciado do outro, além das diferentes vivências, a língua de cada um também apresenta essas características distintas. Isso não impediu que ao canonizá-las atitudes um tanto quanto preconceituosas fossem adquiridas no processo de normatização da escrita, em consequência disso a veiculação da Gramática Tradicional é um dos componentes comprobatórios dessa afirmativa.

¹ Pedagoga, Faculdade Adventista da Bahia.

² Mestranda em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS), Professora de Língua Portuguesa na Faculdade Adventista da Bahia.

Observa-se que os esforços para a normatização da língua ainda perduram na atualidade, mesmo em face da enorme variedade dialetal. Como resultado desses esforços, as interfaces discriminatórias presentes nos métodos de ensino-aprendizagem para a Língua Portuguesa são notáveis. Isso é um ponto alarmante que traz questionamentos implícitos sobre a formação do docente. Diante dessa perspectiva, podemos inferir que o professor de Língua Portuguesa não teve acesso ao estudo da variedade linguística em sua formação acadêmica, ou, se teve, o mesmo foi preparado para refletir discriminatoriamente um único padrão de língua, sendo provável que ele mesmo não faça uso deste padrão em todos os momentos de sua vida.

Assim, o que de fato acontece na maioria das aulas de Língua Portuguesa é a tentativa de reprodução da norma padrão, presente na Gramática Tradicional. Com isso, as aulas ficam cada vez mais tediosas, haja vista que muitos professores apenas criticam a forma como os discentes falam e escrevem, querendo obrigar-lhes a reproduzir na fala utilizações linguísticas não pragmáticas. Pense-se, assim, que só se aprende a língua na escola, ignorando todo conhecimento prévio do educando bem como a realidade em que o mesmo está inserido. Tal prática torna mais nítida a discriminação social, na qual alguns poucos que conseguem dominar a norma padrão são considerados como os mais “inteligentes.”

A discussão aqui apresentada se refere ao questionamento em utilizar uma norma para padronizar a língua de toda uma sociedade, que tem seus diversos costumes, crenças e idiossincrasias, não respeitando nem refletindo sobre estes e sua contribuição para a mesma. A língua faz parte do costume de um povo e, por isso, ela é tão diferenciada, tornando-se inviável o seguimento de apenas um modelo.

Mediante pontos tão relevantes para a atualidade, tendo em vista que todos eles englobam a sociedade em geral, justifica-se a escolha do tema, o qual aborda o método sociolinguístico como uma ferramenta pedagógica para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa no 4º ano do Ensino Fundamental, em uma Escola Municipal localizada no município de São Félix-BA. Caracteriza-se, portanto, pela necessidade vigente em se tratar da diversidade linguística logo nos primeiros anos escolares, para que tal temática não se torne obsoleta e insignificante tanto para os docentes como para os discentes, já que pior do que criticar a variedade linguística, é ignorá-la como se a mesma não fosse tão marcadamente presente na sociedade nacional.

Destarte, o presente trabalho está dividido em tópicos para tornar sua visualização de fácil entendimento. Em um primeiro momento, delinea-se o ensino de Língua Portuguesa tendo por base a sociolinguística, para tanto, esta tem seu significado bem como suas interfaces especificadas, para que se alcance o primeiro objetivo específico deste trabalho que é definir o método sociolinguístico, evidenciando a relevância deste para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa no 4º ano do Ensino Fundamental.

Em seguida, as dificuldades em trabalhar a Língua Portuguesa são pontuadas bem como sua pragmática, para que se chegue ao segundo objetivo específico deste trabalho que é identificar as

dificuldades relacionadas às variações linguísticas enfrentadas pelos professores no ensino de Língua Portuguesa. No terceiro momento, verifica-se a capacitação profissional para que haja a viabilização do ensino-aprendizagem através da sociolinguística. Logo após, enfatiza-se a importância da conscientização do professor de língua, sendo que estes dois momentos abrangem o terceiro objetivo específico que se trata de analisar o fenômeno da variação linguística no âmbito da formação do professor.

Os momentos citados acima dão seguimento à quinta parte deste trabalho, que faz alusão às nuances da pesquisa, citando como foi, quando foi bem como as intenções a que se pretendeu chegar com a realização da mesma. Por fim, na última parte, os dados coletados na pesquisa são analisados, expostos e comentados, tendo por finalidade alcançar o último objetivo específico, que é propor o trabalho com o método sociolinguístico para o Ensino Fundamental. Todos os tópicos deste trabalho, com seus respectivos objetivos específicos, tencionam alcançar um único objetivo geral, que é proporcionar um ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa que respeite a variação linguística através do método sociolinguístico.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística pode ser considerada um ramo da linguística cujo foco é o estudo da fala em situação de uso, mas isto vai muito além da mera relação existente entre língua/sociedade, pois segundo William Bright (apud PRETI, 2003), a comparação da estrutura linguística com a estrutura social é a finalidade do estudo sociolinguístico. Para ele, “a diversidade linguística é precisamente a matéria de que trata a sociolinguística.” (BRIGHT apud PRETI, 2003, p. 16). Observa-se, então, que a diversidade linguística é um evento característico de toda a sociedade por ser esta, do mesmo modo, variada e disforme. Dada a inquestionável relevância da língua em qualquer circunstância comunicativa, sabe-se que esta é caracterizada por diversos signos, que são interpretados por aqueles que dela fazem uso. Por isso, como afirma Dino Preti:

Entre sociedade e língua, de fato, não há uma relação de mera casualidade. Desde que nascemos, um mundo de signos linguísticos nos cerca, e suas inúmeras possibilidades comunicativas começam a tornar-se reais a partir do momento em que, pela imitação e associação, começamos a formular nossas mensagens. E toda a nossa vida em sociedade supõe um problema de intercâmbio e comunicação que se realiza fundamentalmente pela língua, o meio mais comum de que dispomos para tal. (2003, p. 11).

Os signos representam as ideias do código chamado língua, sendo, portanto, as próprias palavras que expressam as ideias dos falantes. Tais signos são elaborados a partir de um determinado contexto, em que as pessoas fazem uso deles, seja na fala ou na escrita, para se expressarem de maneira clara. Nessa perspectiva, no que se refere à essas situações contextuais, Marcos Bagno (2004, p. 27) afirma que:

É sabido que as línguas variam em razão de condicionamentos situacionais que afetam os falantes, tais como o momento histórico em que se acham, o espaço geográfico, social e temático em que se movem. O conjunto dessas circunstâncias interage sobre os fatores da comunicação e daqui fluem as variantes linguísticas.

Ao ser a língua tão importante para uma sociedade, por se tratar de um dos meios de comunicação, torna-se relevante o trabalho com o método sociolinguístico em sala de aula, já que este oportuniza a aprendizagem através de um estudo da variedade linguística. Tal método pode ser uma ferramenta pedagógica de inestimável valor no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, mas, para isso, o professor deverá saber como utilizá-la ao viabilizar aos seus alunos uma diversidade linguística que tornará possível um intercâmbio diferenciado nas diversas situações comunicativas.

Os professores de Língua Portuguesa enfrentam muitas dificuldades no processo de ensino-aprendizagem e, uma das maiores, se refere às variações linguísticas. Estas, mesmo sendo tão presentes em nossa sociedade, ainda são alvos de críticas e tabus. Por muitos não aceitarem a diversidade dialetal, surge um problema social que preconiza o desenvolvimento de uma discriminação que, se não for trabalhada em sala de aula, tornará a situação ainda mais agravante.

Uma das dificuldades professorais consiste em viabilizar um método que não torne obsoleto o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Isso pode ser trabalhado através de uma prática que procure não reproduzir uma única forma de fala e escrita, como se fosse possível normatizar a língua, esquivando-se das diferenças dialetais. Concorda com essa assertiva o linguista Marcos Bagno ao afirmar que:

Houve uma fase, infelizmente ainda em vigor em alguns ambientes, em que a visão do fenômeno linguístico era bastante simplificadora. Disponham-se em planos diferentes os canais da comunicação, privilegiando-se a língua escrita como fonte do padrão. Identificava-se determinada variante diacrônica ou geográfica com o melhor português. Valorizava-se o registro refletido e se desconsideravam as interferências de uma variante em outra, tudo o que levava a uma visão rígida e preconceituosa da linguagem. (2004, p. 28)

Embora alguns ainda defendam um suposto “melhor português”, isto fica totalmente fora de cogitação quando se observam as variantes linguísticas tão nítidas e claras na realidade nacional. Portanto, faz-se extremamente necessária uma reflexão sobre esse assunto como também uma postura de interferência no que diz respeito às ações que precisam ser tomadas para reverter esse quadro. Cabe ao professor um papel imprescindível, que é associar a língua aos diversos contextos sociais, apresentando aos discentes formas de uso da mesma que poderão ser escolhidas a depender da situação comunicativa.

A tarefa do docente não é nada fácil, pois o mesmo necessita estar em formação contínua para entender as situações que condicionam e afetam os falantes, evidenciando outra dificuldade professoral, já que são poucos os professores que têm o interesse de aprofundar em seus estudos. Apesar de ser uma

dificuldade, tanto pelo tempo dispendioso como por outras questões, precisa-se levar em consideração que em uma sociedade que passa por constantes mudanças, também deve ser constante o interesse do docente em aprimorar sua prática através de um aprofundamento que só será possível em cursos de formação continuada.

Mediante os pontos apresentados acima, observa-se que o trabalho professoral é de inestimável importância tendo em vista a sua interferência na vida de cada educando. Se o docente souber os condicionantes que afetam os falantes e se radicar no assunto, isso já será de grande relevância para eliminar muitas das dificuldades que o mesmo encontra no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Nessa perspectiva, o método sociolinguístico apresenta uma relevância intrínseca para o processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Por tratar as variações linguísticas de uma forma totalmente significativa, sem discriminá-las ou menosprezá-las, pode-se inferir sua importância no campo educativo, lugar onde se formam os cidadãos sabedores dos seus direitos e deveres.

DAS DIFICULDADES À PRAGMÁTICA

A Língua Portuguesa sempre foi trabalhada em sala de aula de forma pouco interessante, em que, na maioria das vezes, o docente passa uma lista de exercícios referentes à morfologia e sintaxe das palavras para que o aluno aprenda a falar e escrever “corretamente”. O que se observa, entretanto, é que nessa dinâmica, apenas uma forma de falar é privilegiada em detrimento das outras tão importantes para toda uma sociedade. Por isso, urge a relevância do método sociolinguístico para trabalhar a Língua Portuguesa em sala de aula, pois este apresentará as diversidades dialetais como características inerentes de qualquer indivíduo que se relacione com pessoas diferentes em variados contextos, o que o torna, não somente a ele, mas também a sua língua, peculiar. Segundo Marcos Bagno;

[...] o tradicional exame da “língua em si” (que se detinha exclusivamente na gramática da frase, considerada apenas em suas dimensões fonético-fonológicas, morfossintáticas e lexicais) deixou de ser o foco exclusivo das investigações científicas da linguagem, que têm se lançado cada vez mais na busca da compreensão dos fenômenos da interação social por meio da linguagem, da relação entre língua e sociedade, da aquisição da língua pela criança, dos processos envolvidos no ensino formal da língua, do controle social exercido pelas ideologias veiculadas no discurso etc. (2002, p. 14).

As novas investigações científicas se preocupam, cada vez mais, com a interação social, que se dá por meio da relação existente entre língua e sociedade, já que esta relação interfere diretamente na vida de todos os indivíduos. Por isso, é importante ter o método sociolinguístico como ferramenta pedagógica para o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, pois o mesmo permite uma educação voltada para a democracia, em que todos aprendam a respeitar as diferenças, mesmo que sejam na forma de falar.

A variação linguística é uma temática em voga nos dias atuais, pois embora muitos professores ainda trabalhem com um método obsoleto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, não se pode negar a diversidade dialetal existente na sociedade nacional. Como são muitas as instituições de ensino de nível superior, no que diz respeito à educação, essa temática precisa ser trabalhada de modo significativo e consistente na prática docente.

Segundo Evanildo Bechara “a primeira área do saber a merecer a constante preocupação formativa do professor de língua materna é a própria linguagem e sua manifestação concreta através das línguas históricas (português, inicialmente).” (2000, p. 25).

Entretanto, o que se percebe em muitas faculdades é um completo descaso com algo tão rico e precioso em qualquer cultura: a língua. Esta deve ser trabalhada de forma sistemática e categórica, apresentado aos futuros docentes de língua portuguesa a necessidade de ressaltar a diversidade dialetal para evitar todo e qualquer tipo de preconceito, bem como a dominação social. Infelizmente, o que se observa, segundo Marcos Bagno (2004, p. 34), é a constatação de que

Professores egressos de faculdades particulares, com poucos anos de exercício e sem cursos de especialização, alcançam mal os objetivos de sua função, têm da variação linguística uma visão parcial e preconceituosa (pois a identificam com um só tipo de variação) e entendem por norma pedagógica o ensino da língua literária dos clássicos e dos parnasianos, condenados que ficam os modernistas [...]

Tendo em vista um ensino arbitrário e exclusivista, os professores perdem a essência da variação linguística, ou seja, por aceitarem como norma apenas uma forma de falar, eles perdem a riqueza das diversidades dialetais existentes, quer seja por região, por idade ou por condição social.

Por isso, urge a necessidade em trabalhar a variação linguística de forma prática na formação do professor, sabendo que este é o veiculador do processo de ensino-aprendizagem e que sua função de ensinar é de primordial valia na educação. Para tanto, deverá haver uma completa mudança nas metodologias de ensino para tal temática no nível superior. Por isso, essa pesquisa busca um processo de construção-desconstrução de conceitos e opiniões em que cada sujeito do cotidiano escolar deverá não somente construir novos significativos como também e, principalmente, desconstruir algumas ideias para dar lugar às novas.

A CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL PARA A VIABILIZAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Em se tratando do ensino superior, Marcos Bagno afirma que “os programas de ensino privilegiam a história da ciência e não a natureza de seu objeto, pelo que os dados empíricos ficam num segundo plano, e nunca se formam verdadeiros conhecedores da língua nacional.” (2004, p. 35)

Se houve um tempo em que fosse necessário reformular os programas de ensino adotados pelas instituições superiores, esse tempo é agora. Não adianta formar licenciados em Educação se estes não conhecerem sua língua nacional, não porque não saibam falar “corretamente”, mas devido ao fato de desconhecerem por completo a diversidade de sua língua e as perspectivas causadas pela mesma. Concernente ao papel do professor, Evanildo Bechara afirma que

No fundo, a grande missão do professor de língua materna – no ensino de língua estrangeira o problema é outro – é transformar seu aluno num poliglota dentro de sua própria língua, possibilitando-lhes escolher a língua funcional adequada a cada momento de criação e até, no texto em que isso se exigir ou for possível, entremear várias línguas funcionais para distinguir, por exemplo, a modalidade linguística do narrador ou as modalidades praticadas por seus personagens. (2000, p. 14).

Por isso, a formação adequada do professor de Língua Portuguesa é tão necessária nos cursos superiores, pois envolve todo um processo que não se limita apenas às funções morfossintáticas da língua, mas ao seu desdobramento como um todo, tendo em vista suas infinitas modalidades comunicativas.

Diante disso, o método sociolinguístico apresenta vários benefícios para a educação. Com o seu constante uso pelo docente, o mesmo se torna uma ferramenta imprescindível e eficaz para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Por sua função prática, tal método proporciona uma educação escolar livre de preceitos e preconceitos destinados aos que falam de uma maneira diferenciada.

Além disso, por ser um método atual, com muitas de suas pesquisas elaboradas recentemente, abrange um infinito de possibilidades para trabalhar com a língua de forma diversificada e coerente. Segundo Marcos Bagno (2002, p. 8):

[...] embora se reconheça ainda um lugar de destaque, na escola, ao ensino das formas linguísticas mais padronizadas e detentoras de maior prestígio nas camadas dominantes da sociedade, também se enfatiza a necessidade de democratizar o ambiente escolar, tornando-o mais aberto para as múltiplas variedades linguísticas (sociais, regionais, etárias, profissionais etc.) que qualquer língua viva apresenta.

Para que o educador democratize o ambiente escolar, ele necessita de algo novo, inusitado, que venha preencher as lacunas deixadas por uma educação obsoleta e autoritária. É justamente aqui que se apresenta o método sociolinguístico, tendo em vista a melhoria da prática docente como também a significação do cotidiano escolar por todos os que dele fazem parte. Isso só é possível mediante as múltiplas vivências da língua nos diversos contextos em uso, que se dá de forma variada a depender da região, da idade, do nível social, profissional, entre tantos outros, de cada indivíduo. Por isso, é preciso que o método sociolinguístico seja trabalhado em sala de aula, pois ele abrange toda essa diversidade dialetal, além de ser um veículo para uma educação democrática e funcional.

A IMPORTÂNCIA DA CONSCIENTIZAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA

Os professores que se habilitam em trabalhar com crianças precisam refletir constantemente em sua práxis, pois esta será o caminho norteador para a vida do educando. Para tanto, é imprescindível uma mudança de atitude advinda de tal reflexão. Dessa forma, para o ensino de Língua Portuguesa o método sociolinguístico pode ser utilizado com a finalidade de dinamizar as aulas, tornando a aprendizagem significativa e prazerosa.

Observa-se que grandes são os esforços dos professores em ensinar o “melhor português”, como se houvesse o “pior português”, o que torna enfadonha e, até mesmo difícil a aprendizagem, já que os alunos cansam de ouvir que sua fala está errada. Por isso, parte-se do pressuposto que será muito mais interessante apresentar aos discentes variantes da língua, mostrando aos mesmos que cada falante usa uma variedade sintópica (um dialeto regional), sintrástica (um nível social) e sinfásica (um estilo de língua), o que torna a língua opulenta e cheia de significados. Assim, como afirma Marcos Bagno (2004, p. 29):

O mais adequado será sensibilizar o aluno para a variabilidade linguística, correlacionando-a com as situações a que corresponde. Esse comportamento implica “descondicionar o público de uma visão conteudística do ensino da língua portuguesa” mediante a realização de atividades bastante motivadoras, porque voltadas para a observação dos fatos da linguagem. Conduzimos assim o aluno a evitar preconceitos e a preparar-se para uma eventual mudança ambiente.

O professor de Língua Portuguesa que conseguir trabalhar com seus alunos a variedade linguística, apresentando-lhes opções de uso da língua de acordo com cada situação comunicativa, fará da sua práxis um lugar de múltiplas descobertas. Ao docente cabe o preocupar-se com uma (re) educação linguística, isso implica que o mesmo utilize o seu fazer pedagógico para transmitir aos seus alunos a responsabilidade devida a cada um, que é perceber o outro numa dinâmica social complexa, mas extremamente necessária, pois alude um juízo de valor e uma mudança de atitude. Concernente ao trabalho docente, Evanildo Bechara (2000, p. 24) afirma que:

Ao entrar no mundo maravilhoso das informações que veiculam os textos literários e não-literários, modernos e antigos, terá o professor de língua materna a ocasião propícia para abrir os limites de uma educação especificamente linguística. Compete-lhe primeiro ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que os cerca, nos mais variados campos de saber.

O professor como articulador desse processo tão importante que é o ensino-aprendizagem, necessita trabalhar de forma criativa e prazerosa, para que seus alunos se interessem pela matéria estudada. O docente dispõe de um acervo dialetal em sua própria sala, mas não sabe como usá-lo. Faz-

se, então, extremamente necessária uma ação voltada para a capacitação dos professores, para que os mesmos sintam e aprendam a importância em trabalhar com o método. Com relação a esse trabalho, Livia Suassuna afirma que:

A solução não consiste apenas em respeitar as variedades dialetais, mas ir além disso, partindo de uma concepção de linguagem mais abrangente, que englobe, inclusive, a modalidade padrão. Não postulo aqui a instauração de um eu que assim se define pela língua do outro, nem tampouco a concessão de um “passaporte” para o mundo dos conhecimentos escolares a serem veiculados pela língua padrão; postulo, sim, a possibilidade de o aluno-sujeito apropriar-se de novos sistemas de referência, por meio dos quais agirá sobre o outro e sobre o mundo em que ele se insere – o mundo que, pela enunciação, ele possa conquistar e transformar. (1995, p. 148).

Transformar o mundo através da língua só é possível se esta estiver livre dos preconceitos e tabus que muitas vezes são proclamados contra ela. Pois, para que haja tal transformação, é necessário que o educando seja sujeito de suas ações e não mero expectante, estando incluído nessa assertiva, que ele saiba reproduzir em sua fala as diversas modalidades da língua, algumas construídas ao longo de sua história, outras aprendidas na escola. O uso do método sociolinguístico permitirá não somente a tentativa acertada de transformar o mundo, mas também e, principalmente, a conquista deste por todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

Para que essa conquista seja plausível, são necessárias algumas orientações no que diz respeito ao uso do método sociolinguístico nas aulas de Língua Portuguesa. A priori, deve-se ficar bem claro que não existe uma receita mágica para colocar dentro da cabeça dos alunos uma língua que eles já partilham desde suas primeiras palavras. Por isso, urge a necessidade de contextualizar as aulas, aproveitando ao máximo o conhecimento prévio dos alunos, para que a depender do mesmo possa se estabelecer um ponto de partida para uma práxis enriquecedora.

A aula de Língua Portuguesa, como afirma Marcos Bagno, “deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico.” (2008, p. 159). Essas atividades devem ser as mais diversificadas possíveis, com o uso de variados tipos de gêneros textuais, desde os contos até os “scraps” utilizados como mensagens enviadas pela internet. Dessa forma, o aluno compreenderá que para cada situação, ele pode utilizar uma língua diferente, bem como que ele não precisa utilizar apenas a norma-padrão, mas que, em alguns momentos, o uso dela será necessário.

Para tanto, “[...] é preciso que o professor de língua se conscientize de que ele é um linguista, um estudioso da língua, capaz de produzir conhecimento linguístico e material didático adequado para as necessidades de seus alunos.” (BAGNO, 2008, p. 159). Quando o docente estiver ciente da importância do método utilizado por ele para lecionar suas aulas, as mesmas serão muito mais atrativas e os alunos bem mais interessados para aprender com quem quer ensinar e para produzir com quem quer motivar.

DA ABORDAGEM À PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA

O método sociolinguístico, como referido anteriormente, urge como uma ferramenta imprescindível para mudar a realidade caótica do ensino de Língua Portuguesa. Para tanto, realizou-se um estudo sobre essa mesma realidade para pontuar as dificuldades que docentes bem como discentes enfrentam com as variedades linguísticas tão presentes e, por vezes, tão discriminadas pela população em geral. Esse estudo também procurou apontar alguns instrumentos que os professores podem utilizar para (re) significar as aulas de Língua Portuguesa.

Para nortear o estudo, a abordagem trabalhada foi a pesquisa mista, tendo em vista que a realidade observada, bem como os dados colhidos, foram estudados tanto isolada como grupalmente, neste se levou “em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas.” (ANDRÉ, 2007, p. 17).

Dada a importância da pesquisa mista nos estudos sociais, por tratar a realidade de forma ampla com vistas às influências e interações entre os indivíduos, esta foi o conduto para que se abordasse o estudo apresentado, que se refere à sociolinguística.

O tipo de estudo trabalhado foi a pesquisa-ação que, de acordo com Marli André, “envolve sempre um plano de ação, plano esse que se baseia em objetivos, em um processo de acompanhamento e controle da ação planejada e no relato concomitante desse processo. Muitas vezes esse tipo de pesquisa recebe o nome de intervenção.” (ANDRÉ, 2007, p. 33). E, segundo Hugues Dionne, “o objetivo primeiro da pesquisa-ação é mudar uma dada situação particular levando em consideração a totalidade concreta tal como é vivida.” (2007, p. 23). Para tanto, o pesquisador esteve totalmente envolvido com a amostra do estudo, procurando pelo método apresentado (sociolinguístico), intervir na realidade pesquisada e relatar concomitantemente todo o processo realizado.

O universo do estudo, ou seja, o local onde se realizou a pesquisa, foi uma Escola Municipal localizada no município de São Félix-BA, tendo em vista que seus alunos possuem condições socioeconômicas diversificadas, o que proporcionou uma ampla pesquisa concernente à sociolinguística. A população da pesquisa foi a turma da 3ª série/4º ano e a amostra, que é retirada da população partindo do princípio de que a pesquisa que for realizada com essa amostra configurará a realidade da população, caracterizou-se pela participação de dez alunos e de um professor.

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram questionários e entrevistas, tendo em vista que “o pesquisador deve elaborar um roteiro de questões claras, simples e diretas, para não se perder em temas que não interessam ao seu objetivo.” (GOLDENBERG, 2001, p. 56). Além disso, “grades de observação, roteiros de entrevistas e questionários abertos ou fechados podem responder adequada e simultaneamente às exigências de pesquisa e à dinâmica da ação.” (DIONNE, 2007, p. 107).

Para tanto, foi exigido que o pesquisador não perdesse o seu foco, mas que fosse diretamente ao ponto em que quis chegar através de perguntas claras e coesas. Pois, quem almeja uma boa pesquisa precisa

inegavelmente ser sensível, intuitivo e experiente. Para tanto, deve-se buscar todos os meios cabíveis para se inteirar sobre a temática pesquisada, o que permitirá um forte embasamento para a coleta de dados.

Logo depois, uma oficina de intervenção para o trabalho com o método sociolinguístico foi planejada, a fim de verificar a eficácia do método ante a diversidade linguística apresentada no universo da pesquisa. Essa oficina se caracterizou pelo trabalho de diversos tipos textuais na sala de aula, desde os contos até os “scrap”, para que os alunos percebessem a diferença da língua nos diversos contextos comunicativos. Além disso, uma caixa foi decorada e recebeu o nome de “O maravilhoso mundo das línguas”, dentro da mesma foram colocadas figuras de vários personagens, como o Chico Bento, o “mano”, o “trabalhador”, o “chefe”, o “amigo da rua”, o “amigo gravado”, dentre outros, para que os discentes percebessem a língua de cada um deles e entendessem que as formas de falar são diversificadas a depender da situação comunicativa bem como do ouvinte.

A organização dos dados, bem como análise dos mesmos, foi feita de maneira criteriosa e coerente para que não houvesse dúvidas quanto ao resultado final. Quanto a isso, Mirian Goldenberg (2001, p. 94) afirma que:

Deve-se analisar comparativamente as diferentes respostas, as idéias novas que aparecem, o que confirma e o que rejeita as hipóteses iniciais, o que estes dados levam a pensar de forma mais ampla. Este momento exige muito tempo de reflexão e dedicação para se tirar o máximo de ideias de cada resposta conseguida.

A reflexão e dedicação ao trabalho de organização e análise dos dados coletados nos questionários e entrevistas foram pontos acertados para a construção coesa dos fatos. Para tanto, foi exigido um tempo dispendioso do pesquisador, que precisou de muita atenção para que sua pesquisa não fosse em vão, mas que se tornasse um importante instrumento para outros estudos. Logo depois da análise dos dados, os mesmos foram contrastados com os resultados obtidos através da oficina e com a base teórica deste trabalho.

ANÁLISE DOS RESULTADOS: DAS DIFICULDADES ÀS NOVAS PERSPECTIVAS

A análise da entrevista bem como do questionário respondidos pelo professor foi feita a priori e, a posteriori, realizou-se a análise dos questionários respondidos pelos alunos. Ressalta-se aqui que foram aplicadas perguntas subjetivas e objetivas tanto para o docente como para os discentes, mas em grau diferenciado, já que para o professor foram feitas mais questões subjetivas que objetivas e para os alunos foi realizada apenas uma questão subjetiva, sendo todas as outras objetivas.

O professor, que será chamado nesse trabalho de VMS, sendo essas as iniciais de seu nome, tem 39 anos, é nascido em Muritiba-BA e é formado em Letras, o que tornou a pesquisa ainda mais significativa e enriquecedora. Leciona há 6 anos, sendo que na 3ª série/4º ano da Escola Municipal onde se realizou a pesquisa, turma com 20 alunos, ele leciona há 2 anos.

De acordo com o professor VMS, já faz algum tempo que ele trabalha com o ensino da Língua Portuguesa, mas como disciplina específica faz pouco tempo. Uma das dificuldades que ele encontra ao lecionar essa disciplina é contextualizar o que se fala para o que escreve e lê. Pois, segundo ele, todos falam a língua ou ouvem falar dela desde que nascem, mas não existe intimidade com a norma padrão. “Dado o saber prévio do aluno – como base natural de operações –, a língua materna está numa situação totalmente diversa das demais disciplinas escolares: lida-se com algo que o aluno já “sabe”.” (LUFT, 2000, p. 105).

Para o professor VMS, os alunos não gostam de estudar Língua Portuguesa porque é como aprender o que já sabem. Como ele citou anteriormente, todos falam a língua o tempo todo e, na escola, querem ensiná-la novamente. Concernente a essa assertiva, Celso Pedro Luft afirma que

Não se trata de “ensinar” a língua materna, que o aluno já fala ao entrar na escola; nem se pode, aliás, ensinar uma língua. O que cabe é ir aumentando a capacidade comunicativa dos alunos, trabalhar muito com a língua, melhorando sempre mais e tornando mais produtivo o manejo desse instrumento. (2000, p. 30).

Para trabalhar com a língua, o docente precisa dispor de diversos tipos textuais, pesquisar constantemente e aperfeiçoar a sua prática docente, permitindo aos alunos a leitura e produção dos textos de uma forma criativa, interativa e diversificada. Se não for assim, o aluno poderá pensar que é inútil o ensino da Língua Portuguesa, por julgá-lo desnecessário, já que ele sabe se comunicar sem precisar de tantas regras gramaticais.

Faz-se necessário, também, que o professor esteja atento às mudanças da língua, pois como afirma a Amanda Polato “das poesias aos documentos, nada permanece igual por muito tempo” (2007, p. 51), bem como “modificam-se as formas de viver, as manifestações culturais e as organizações política e econômica da sociedade. Além disso, os povos se deslocam, se influenciam e se distanciam em vários aspectos.” (2007, p. 52). Concernente a todas essas mudanças, o docente precisa estar atento e atualizado.

Segundo o professor VMS, a maior dificuldade que os alunos apresentam nas aulas de Língua Portuguesa é ler e escrever o que eles já falam no dia a dia. “Ouvindo falar a sua língua, a criança se sente em casa e falar é, para ela, a coisa mais simples e natural do mundo.” (MAROTE; FERRO, 1998, p. 25). Por isso, o trabalho do docente deve ser ainda mais criativo, pois o mesmo necessita, em sua práxis, ensinar o que os alunos falam diariamente, que é a língua.

No que diz respeito à sociolinguística, o professor VMS afirmou que a sua formação acadêmica o ajudou a quebrar os preconceitos linguísticos que, até então, ele manifestava. Para ele, a sociolinguística é “o estudo social da língua, ou seja, o estudo da linguagem levando em consideração a cultura, a classe social, as diferenças regionais de determinado grupo de indivíduos.”

Na sala de aula, quando os alunos não utilizam a língua padrão da gramática normativa para falar e escrever, o professor VMS disse que orienta os mesmos gradativamente, “buscando entender

a utilização de tais palavras ou expressões, para não expor o aluno a constrangimento nem cometer preconceito linguístico.”

Ao ser interrogado sobre a reação dos alunos concernente à diversidade dialetal, o professor VMS afirmou que no início do ano letivo, trabalhou-se com língua e linguagem, mas ainda não houve aprofundamento nas diferenças de linguagem regional. Ele disse que essas diferenças não são muito notadas na sala de aula, pois todos estão num mesmo contexto, ou seja, numa mesma região.

Por fim, o professor VMS disse que o ensino de Língua Portuguesa realizado por ele está norteado na perspectiva de Bechara (2000, p.14), de transformar o aluno num poliglota da própria língua bem como saber utilizá-la a depender com quem se fala, dispondo de vários falares de acesso e nível cultural, a função social e o nível proximal com o receptor.

Todas as perguntas analisadas anteriormente foram subjetivas, em seguida, realizou-se a análise das perguntas objetivas respondidas pelo professor VMS. Segundo este, o método sociolinguístico não é excelente nem ruim, é bom, assim como, para ele, também é bom lecionar Língua Portuguesa. Quanto à recepção da disciplina, disse que os alunos gostam um pouco da mesma.

No que se refere aos instrumentos que podem ser trabalhados para tornar as aulas de Língua Portuguesa mais atrativas, o professor VMS citou os jogos, os projetos, as peças teatrais, as pesquisas na internet, as entrevistas com a comunidade, histórias contadas, livros, músicas, filmes. Dentre os tipos textuais, ele disse que trabalha mais em sala de aula com contos, revistas, poesias, histórias em quadrinhos e charges.

Ressalta-se, aqui, que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas”, como também que “o domínio de uma língua é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas.” (GERALDI, 2006, p. 36). Talvez seja por isso que muitos alunos saem da escola com uma péssima impressão da Língua Portuguesa, pois só aprenderam a fazer listas e listas de exercícios, sem terem práticas coerentes e significativas.

No que tange à visão dos alunos sobre o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, a maioria deles não acha a aula dessa disciplina chata, alguns até gostam muito das aulas. Mas, muitas vezes, os alunos não entendem o assunto, o que torna a aula cansativa e sem graça. Os alunos disseram que se o professor trabalhar com peças teatrais, livros, músicas, projetos e jogos nas aulas de Língua Portuguesa, as mesmas serão mais atrativas.

A maioria dos alunos disse que quando eles falam ou escrevem alguma palavra fora do padrão, o professor explica que existem outras formas de falar de acordo com cada situação. Quanto ao comportamento dos colegas, foram praticamente unânimes em dizer que quando eles falam alguma palavra fora do padrão, seus colegas de sala contam para o professor. Observou-se que a maioria dos alunos cultiva o hábito de contar para o professor quando algum colega de classe fala alguma palavra fora do padrão. Uma dica, concernente a esse assunto, que Polato oferece ao professor de língua é que o mesmo deve estar “sempre atento às inovações trazidas pelos estudantes sem considerar a escrita errada

nem alimentar preconceitos linguísticos.” (2007, p. 54). Certamente, essa é uma boa dica para quem quer (re) significar sua práxis docente.

No que tange aos gêneros textuais, que são os diversos tipos de texto utilizados tanto na variedade informal como na norma padrão em diversificadas situações comunicativas, os alunos gostam de ler receitas de culinária, histórias em quadrinhos, poesias e contos. Os tipos de texto que, segundo eles, o professor trabalha mais nas aulas de Língua Portuguesa são poesias, contos e histórias em quadrinhos. Talvez seja por isso que os alunos deram essa resposta, por estarem num círculo vicioso onde se trabalham nas aulas de Língua Portuguesa apenas alguns, sendo os mais comuns, tipos de texto. Concernente aos gêneros textuais, Marcos Bagno afirma que

Proponho desdobrar dentro da escola o painel multifacetado, complexo e rico da realidade linguística brasileira e não se limitar a oferecer como único modelo a ser imitado o dos clássicos de literatura. A escola, insisto, tem de se abrir a todos os gêneros em que se pode concretizar o uso da língua. (2008, p. 157).

Dentre tantos gêneros textuais viabilizados no cotidiano escolar, um que deve ser trabalhado por estar em voga nos dias atuais é o uso dos “scrap” na internet. Segundo Polato, “os especialistas acreditam que não há problema em discutir o uso desses termos na escola desde que os estudantes reflitam sobre eles e saibam que o local para praticar a nova criação é exclusivamente na internet.” (2007, p. 54). Essa assertiva confirma o fato de haver a necessidade em distinguir as situações comunicativas para se utilizar uma língua adequada.

Perguntou-se aos discentes o que eles mais gostam de fazer em casa e foi respondido que gostam de ler/estudar e assistir desenho. De acordo com as respostas obtidas, foi informado que a maioria dos pais dos alunos frequentou apenas o Ensino Fundamental e, talvez por isso, metade dos alunos escolheu uma profissão para quando crescerem que não precisa de nível superior, a outra metade escolheu uma que necessita. A maioria deles escreveu a profissão escolhida fora da norma padrão.

Por fim, depois da análise dos questionários bem como das entrevistas, realizou-se a oficina no universo de estudo. Percebeu-se, por meio da mesma, que os alunos se interessam muito por um estudo diferenciado e criativo de Língua Portuguesa. Através da caixa denominada de “O maravilhoso mundo das línguas”, eles puderam relatar suas vivências bem como aprender a importância em usar a língua a depender do contexto em uso. Para tanto, foram feitos questionamentos aos discentes sobre a língua que deve ser falada em casa, na escola, na rua e no trabalho. Nessas e em outras situações, eles souberam dizer como deveriam falar, se na forma padrão ou na variante informal, o que possibilitou um significativo trabalho com o método sociolinguístico.

Uma das dificuldades encontradas ao longo da coleta de dados bem como da realização da oficina se deu em virtude da falta de interesse dos alunos em aprender e em buscar novos conhecimentos. Verifica-se, assim, que muitos docentes, como o da pesquisa realizada, estão preocupados com uma práxis transformadora, mas infelizmente não conseguem, pois os alunos estão desmotivados. Para tanto,

precisa-se utilizar o que há de novo na atualidade para prender a atenção dos discentes, proporcionando aos mesmos momentos prazerosos de estudo da língua, em que possam criar e recriar, através de práticas significativas e diversificadas. Como afirma Soares:

Uma escola transformadora é, pois, uma escola consciente de seu papel político na luta contra as desigualdades sociais e econômicas, e que, por isso, assume a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhes permitam conquistar mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social. (1996, p. 73).

É justamente essa escola transformadora que precisa ser o palco dos alunos brasileiros. Que não são somente alunos, mas espectadores de um mundo melhor e, principalmente, atores de uma realidade que precisa ser mudada urgentemente, para que as cortinas não se fechem sem aplausos.

CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Em uma sociedade marcada pela diferença, não se pode ser igual no que tange ao ensino de Língua Portuguesa, repetindo as mesmas práticas arcaicas e improdutivas do século passado e que, infelizmente, ainda estão presentes neste século. Para tanto, urge a necessidade de (re) significar a prática docente no processo ensino-aprendizagem. O professor interessado em ter aulas mais atrativas e prazerosas pode utilizar o método sociolinguístico a fim de tornar as aulas de Língua Portuguesa mais atrativas. Através de diversos gêneros textuais, desde os mais antigos até os mais contemporâneos escritos na norma padrão e na variedade informal, o docente dispõe de um vasto material que será significativo tanto para ele como para os discentes.

Na análise realizada deste trabalho, objetivou identificar as dificuldades relacionadas às variações linguísticas enfrentadas pelos professores no ensino de Língua Portuguesa, para que, por meio delas, pudesse ser planejada uma oficina em que se abordassem tais dificuldades. A oficina aconteceu e os alunos compreenderam que não é errada a prática das diferenças dialetais e que é preciso respeitá-las. Além disso, pretendeu-se analisar o fenômeno da variação linguística no âmbito da formação do professor, tendo em vista que a falta de preparo não é motivo para continuar despreparado. Por isso, mesmo que um docente não tenha recebido conhecimento adequado e necessário sobre qualquer assunto na graduação, ele deve procurar se aperfeiçoar através de uma formação continuada que o prepare para os questionamentos atuais.

Por fim, o trabalho com o método sociolinguístico para o Ensino Fundamental foi proposto para haver uma transformação no cotidiano escolar e, principalmente, em cada componente do mesmo. Por vezes, pode parecer utopia dissipar qualquer tipo de preconceito, mas se aprende com a prática e se esta for eficaz, certamente o sonho será real. Transformar a escola em um espaço de múltiplas vivências, de múltiplos questionamentos e de múltiplas línguas é transformar a escola em um recanto de diversos

saberes, é proporcionar aos discentes o que há de melhor, se expressar sem ter medo e aprender com segurança. Nunca se precisou tanto de uma escola como agora, com professores vivos ensinando uma língua viva, rica e diversificada.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dramática da língua portuguesa: Tradição Gramatical, Mídia & Exclusão Social**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. (Org.). **Linguística da norma**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. (Org.). **Língua materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? Liberdade?** São Paulo: Ática, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade: por uma nova concepção da língua materna**. São Paulo: Ática, 2000.

MAROTE, João Teodoro D'Olim; FERRO, Gláucia D'Olim Marote. 10. ed. **Didática da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira**. 9. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

POLATO, Amanda. A língua é viva. **Nova Escola**, ano XXII, n. 206, p. 51 – 55, out. 2007.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1996.

SUASSUNA, Livia. **Ensino de língua portuguesa: uma abordagem pragmática**. Campinas, SP: Papirus, 1995.